

*Gilberto Mendonça Teles*

# **Vanguarda europeia & Modernismo brasileiro**

Apresentação e crítica dos principais  
manifestos vanguardistas

21ª edição



Rio de Janeiro | 2022

## Sumário

<i>Introdução inédita: As vanguardas no Brasil e na Hispano-América</i>	9
<i>O ensaísmo de Mendonça Teles, por Ivan Junqueira</i>	63
<i>Nota para a 20ª edição</i>	67
<i>Nota para a 19ª edição</i>	71
<i>Nota para a 11ª edição</i>	79
<i>Tempo e vanguarda, por Ângelo Monteiro</i>	83
<i>Nota para a 10ª edição</i>	87
<i>Nota para a 6ª edição</i>	91
<i>Nota para a 3ª edição</i>	97

### I. INTRODUÇÃO 101

### II. A BELLE ÉPOQUE 115

1. Correspondências — Baudelaire, 1857	120
2. Alquimia do verbo — Rimbaud, 1873	124
3. Arte Poética — Verlaine, 1884	129
4. Manifesto Decadente — Anatole Baju, 1886	133
5. Manifesto Simbolista — Jean Moréas, 1886	137
6. Prefácio a <i>Un coup de dés</i> — Mallarmé, 1897	144
7. Manifesto Unanimista — Jules Romains, 1905	149

1. O <i>Futurismo</i>	160
O Futurismo — Marinetti, 1909	166
Manifesto técnico da literatura futurista — Marinetti, 1912	173
Suplemento ao Manifesto técnico da literatura futurista — Marinetti, 1912	182
Manifesto da mulher futurista — Valentine de Saint-Paul, 1912	186
2. O <i>Expressionismo</i>	191
“Fim do mundo” — Jakob van Hoddis, 1911	195
Arte: nova secessão — Arthur Drey, 1911	195
Os “Selvagens” da Alemanha — Franz Marc, 1912	196
Expressionismo na poesia — Kasimir Edschmid, 1918	198
3. O <i>Cubismo</i>	200
A Antitradição Futurista — Apollinaire, 1913	206
4. O <i>Cubofuturismo</i>	210
Bofetada no gosto público — D. Burliuk, A. Kruchënik, V. Maiakovski e V. Klebnikov, 1912	216
5. O <i>Dadaísmo</i>	218
Manifesto do Senhor Antipirina — Tristan Tzara, 1916	225
Manifesto Dadá — Tristan Tzara, 1918	227
Proclamação sem pretensão — Tristan Tzara, 1919	237
6. O <i>Espiritonovismo</i>	242
O Espírito Novo e os poetas — Apollinaire, 1918	245
O Espírito Novo — Vários autores, 1920	257
7. O <i>Surrealismo</i>	260
Manifesto do Surrealismo — André Breton, 1924	265
Segundo Manifesto do Surrealismo — André Breton, 1930	303
8. O <i>Neovanguardismo</i>	368
Manifesto para uma poesia nova, visual e fônica — Pierre Garnier, 1962	370

9. <i>A Vanguarda Portuguesa</i>	377
Ode triunfal — Álvaro de Campos, 1914	382
Manucure — Mário de Sá-Carneiro, 1915	390
Manifesto anti-Dantas — José de Almada-Negreiros, 1915	401
<i>Ultimatum</i> — Álvaro de Campos, 1917	407
<i>Ultimatum</i> futurista — José de Almada-Negreiros, 1917	424

#### IV. O MODERNISMO BRASILEIRO 433

1. A Emoção Estética na Arte Moderna — Graça Aranha: conferência na Semana de Arte Moderna, 1922	441
2. Arte Moderna — Menotti del Picchia: conferência na Semana de Arte Moderna, 1922	449
3. <i>Klaxon</i> , 1922	456
4. A Poética de Mário de Andrade — Síntese dos textos “Prefácio Interessantíssimo”, 1921	459
“A escrava que não é Isaura”, 1924-1925	461
“O Movimento Modernista”, 1942	466
5. O Espírito Moderno — Graça Aranha: conferência na Academia Brasileira de Letras, 1924	476
6. Manifesto da Poesia Pau-brasil — Oswald de Andrade, 1924	479
7. A Arte Moderna — Joaquim Inojosa: carta-manifesto aos diretores da revista <i>Era Nova</i> , 1924	495
8. <i>A Revista</i>	502
Para os céticos — Carlos Drummond de Andrade, 1925	506
Para os espíritos criadores — Martins de Almeida, 1925	508
9. <i>Terra Roxa e Outras Terras</i> , 1926	511
10. Manifesto Regionalista de 1926/1952	513
Centro Regionalista — Programa (de 1926)	514
O Manifesto Regionalista de 1926/1952 — Gilberto Freyre	518
11. <i>Festa</i> — Tasso da Silveira, 1927	514

12. Manifesto do Grupo Verde de Cataguases — Vários autores, 1927	520
13. Manifesto Antropófago — Oswald de Andrade, 1928	524
14. Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo — Vários autores, 1929	533
15. Textos do <i>Leite Criôlo</i>	540
Leite Criôlo — Guilhermino César, 1929	540
Convite — Achiles Vivacca, 1929	541
16. Procura da Poesia — Carlos Drummond de Andrade, 1944	542
17. Manifesto para não ser lido, da revista <i>Joaquim</i> , 1946	545
18. <i>Orfeu</i> — Lêdo Ivo, 1947	549
19. Poesia e Composição — A Inspiração e o Trabalho de Arte — João Cabral de Melo Neto: conferência na Biblioteca de São Paulo, 1952	551

#### V. O EXPERIMENTALISMO 573

1. Plano-piloto para Poesia Concreta — Vários autores, 1958	580
2. Manifesto Neoconcreto — Vários autores, 1959	583
3. Poema-Práxis (Manifesto didático) — Mário Chamie, 1961	589
4. Nova linguagem, nova poesia (Manifesto da Poesia Semiótica) — Décio Pignatari e Luiz Angelo Pinto, 1964	595
5. Poema-Processo	600
Proposição — Wladimir Dias-Pino, 1967	600
Parada — opção tática — Wladimir Dias-Pino, 1972	604
<i>Bibliografia</i>	607
<i>Fortuna crítica deste livro</i>	613
<i>Índice onomástico</i>	625
<i>Bibliografia do autor/org.</i>	641

Introdução inédita

## AS VANGUARDAS NO BRASIL E NA HISPANO-AMÉRICA

*Gilberto Mendonça Teles*

Nas *Notas* para as edições anteriores de *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, tratei apenas da apresentação dos textos manifestos, isto é, textos proclamados como manifestos pelos escritores vanguardistas das décadas de 1920 a 1940. Agora publico os estudos que fiz sobre eles e a partir deles, juntando-os num só texto. Um deles publicado em parte em *A retórica do silêncio*, em 1979; outro, resumido em aulas na universidade e lido em conferências em várias partes do Brasil, onde me chamavam para falar sobre vanguarda literária, tanto no Brasil como na América Espanhola, a propósito dos seis volumes de *Vanguardia latinoamericana*, que publicamos, Klaus Müller-Bergh e eu, pela Iberoamericana, em Madri.\*

Ao possível leitor devo explicar aqui algo da terminologia com que tenho tratado da matéria vanguardista, principalmente da acepção com que uso a expressão *América Latina* e seus desdobramentos em *Latino-América*, *América Latina*, *América Portuguesa*, *América Espanhola* e *América Francesa*, além do *hispano-americano*, que aparece várias vezes.

O essencial está na seguinte distinção: emprego *Latino-América*, ou *América Latina*, ou *latino-americano* (em espanhol *Latinoamérica* e *latinoamericano*) quando estou me referindo a povos de culturas

---

\* Cf. *Vanguardia latinoamericana*. Madri: Iberoamericana, 2015, em seis volumes, a saber: Tomo I — *México y América Central*; Tomo II — *Caribe, Antilhas Mayores y Menores*; Tomo III — *Área Andina Norte*; Tomo IV — *Área Andina Centro*; Tomo V — *Chile e Países de Plata*; Tomo VI — *Brasil*.

portuguesa, espanhola e francesa. Se digo apenas *Hispano-América* (como no título desta introdução), a referência é somente a povos de cultura espanhola. Embora sejam claros os sentidos dos dois termos, me pareceu oportuna essa repetição terminológica.

## AS VANGUARDAS EUROPEIAS

Ao lado dos movimentos literários mais conhecidos na literatura ocidental no século XIX, é preciso mencionar uma série de rompimentos estéticos, documentados através de experiências isoladas de escritores como Whitman, Poe, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Verlaine e Mallarmé, cujas obras assinalam as rupturas individuais que, retomadas, desenvolvidas e intensificadas por outros escritores, motivaram o aparecimento de tendências mais ou menos coletivas, como o *decadentismo*, o *simbolismo*, o *romanismo* (não o *romantismo*) e o *unanimismo*, que, com exceção do *parnasianismo* e do *simbolismo*, relativamente pouca atenção têm merecido dos historiadores da literatura. Centrados em Paris, mas com fortes vínculos a movimentos análogos em outras capitais europeias, esses movimentos refletiram, de certo modo, as três tendências culturais da época: o otimismo da *belle époque* diante do novo século; o pessimismo do *fin de siècle*, finitude que costuma acompanhar a passagem dos séculos; e, em atitude mais ou menos conciliadora, a preocupação neoclássica do *romanismo*, movimento que tentava reconduzir a França e os países de línguas neolatinas pelos caminhos da tradição latina. Havia assim, na Europa artístico-literária do fim do século XIX, certo equilíbrio entre as forças de integração e as de desintegração cultural, repartidas entre uma visão totalizante e uma visão fragmentária do universo, como se pode ver em vários setores da filosofia e da ciência, com notáveis repercussões nas teorias linguísticas e literárias que, por sua vez, marcaram profundamente a poética e a retórica do século XX.

Dessa dialética entre o grande e o pequeno, entre o homem e a sociedade, entre o passado e o presente, entre a guerra e a paz, é que vão surgir os grandes movimentos da vanguarda literária da Europa, notadamente o *futurismo*, o *expressionismo*, o *cubismo*, o *dadaísmo*, o *espiritismo* e o *surrealismo*. Para efeito de suas repercussões na América Latina, esses movimentos podem ser agrupados em duas frentes opostas e, de certa forma, complementárias, uma vez que a renovação literária era o princípio comum que os identificava. Se o futurismo e o dadaísmo representam o lado mais radical e “destruidor” dos novos processos literários, o expressionismo, o cubismo, o *esprit nouveau* e o surrealismo podem ser vistos como ordenadores de uma nova realidade, percebida através do processo geral da “destruição” que caracterizou todas essas vanguardas da época da Primeira Guerra Mundial.

Síntese das duas vertentes e, também, reedição, ou prolongamento, ou incorporação dos propósitos da obra de Winkelmann e Schliemann, do *neoclacissismo* ou do *romanismo* do fim do século, surge (ou ressurge) a tendência conciliadora de Apollinaire, o qual, nos últimos meses de 1918, redigiu o texto conhecido como o seu testamento estético, “L’Esprit nouveau et les poètes”, procurando equilibrar o exagero dos vanguardistas (de que ele foi um dos principais representantes com *Calligrammes* em 1916) com a passividade dos escritores tradicionais:

O espírito novo que se anuncia pretende antes de tudo herdar dos clássicos um sólido bom senso, um espírito crítico seguro, concepções seguras sobre o universo e sobre a alma humana, e o sentido do dever que despoja os sentimentos e limita ou contém as suas manifestações.

Em homenagem a Apollinaire fundou-se em 1920 a revista *L’Esprit Nouveau*, desenvolvendo-se nela uma teoria poética que procurava conciliar o passado e o presente, entre o irracionalismo



dadaísta, que chegava ao fim, e o psicanalismo surrealista, que se iniciava e iria se prolongar, depois de 1930, na mistura de marxismo e psicanálise e numa espécie de paradoxo teórico que excitou a imaginação criadora de muitos escritores. É dessa revista que vão sair as principais ideias estéticas do modernismo brasileiro, o que lhes dá características especiais, principalmente quando comparadas com o modernismo e as vanguardas hispano-americanas.

A grande contribuição de todos esses movimentos foi a da renovação da linguagem literária, a que se liga naturalmente a renovação dos temas e das técnicas do que se queria como nova poesia. É sobre a linguagem que vão atuar os primeiros manifestos futuristas, as tentativas de pulverização dos dadaístas e, depois, as forças mágicas da metáfora e do automatismo psíquico dos surrealistas. Embora historicamente anterior ao manifesto do primeiro surrealismo, o modernismo brasileiro e as vanguardas hispano-americanas, bem como as antilhanas, de expressão francesa, vão receber influência de todos esses movimentos, assimilando-os, transformando-os ou superando-os nas suas realizações práticas de produção literária, adequando a sua filosofia renovadora à realidade cultural latino-americana.

Desde a última década do século XIX, quando Mallarmé publicou as suas experiências com o poema-livro *Un coup de dés*, abriu-se o processo de renovação da literatura, o qual seguia de perto o que se passava nos domínios da arte e da ciência, como a pintura com o *impressionismo*, da física com a *radioatividade* e, ainda nas artes plásticas, com a descontinuidade ganhando dimensões comparáveis à que, na linguagem, correspondia a força da construção nominal em face da construção verbal, que até então predominava.

Aludindo ao alto desenvolvimento da linguagem literária de Mallarmé, Roland Barthes escreve em *Le Degré zéro de l'écriture* que o autor de *Un coup de dés* foi “o Hamlet da literatura ocidental” (cf. o final do *Hamlet* — “*The rest is silence*”), sugerindo que depois dele só havia mesmo o silêncio para a linguagem poética tradicional. Imagem perfeita para abranger de uma só vez a altitude da poesia de Mallarmé e toda a desestruturação que as vanguardas do século XX trouxeram para a li-